

Nova secretária se diz "uma revolucionária"

Vera Lúcia de Castro Chaves Pinheiro, ou somente Vera Pinheiro ("Vera Lúcia parece nome de miss de década de 50", ela brinca), se considera uma pessoa "tranquila mas revolucionária" e é com essa disposição que pretende mexer com a vida cultural da cidade, trazendo de volta a Brasília o espírito de renovação que dominava a cidade no princípio, quando se vivia aqui o processo de descoberta de uma nova arquitetura, de um novo "design", de um novo comportamento. Consciente da importância de sua indicação, que está abrindo espaço para a mulher nos escalões intermediários do Governo, ela confessa estar receosa das dificuldades que deverá enfrentar, ao mesmo tempo em que acredita no seu trabalho e na superação dos obstáculos.

Vera falou ao CORREIO sobre os seus planos como secretária de Cultura do Distrito Federal.

CORREIO — Como você pretende conciliar o trabalho da Secretaria com o da Fundação Cultural?

Vera — Da mesma forma como foi feito em Minas Gerais. Quando se criou a Secretaria de Cultura de Minas, já existia a Fundação Clóvis Salgado, que continuou a desenvolver os seus projetos. É tudo uma questão de desenvolver um trabalho integrado. É um erro pensar que o espaço da Fundação vai ser ocupado; na realidade é o contrário — ele estará sendo ampliado. Pretendo realizar algo aqui semelhante ao que foi feito em Minas. Não vou ficar sozinha, vou procurar estas pessoas. Primeiro, através da discussão, depois, através do trabalho. Acho que o trabalho é que une às pessoas.

CORREIO — Como pode ser na prática essa integração entre os dois órgãos?

Vera — Existe uma reivindicação nas cidades-satélites, por exemplo, da criação de centros culturais que cuidassem de dar estímulo e espaço ao desenvolvimento local de todas as artes. A Secretaria poderia cuidar da implantação e da coordenação destes centros. Isto tudo depende de contatos com as administrações regionais, com as lideranças de cada cidade. Eu quero me envolver, pretendendo me deslocar até as satélites para discutir, existem várias idéias. A Secretaria vai dar prioridade às satélites, já estava envolvida com isso antes de receber qualquer convite, há três dias encaminhei uma carta ao governador José Aparecido solicitando a criação de um centro cultural em Taguatinga, no local onde existiu um antigo quartel da PM. O engraçado é que agora a carta será encaminhada a mim.

CORREIO — Além dos centros culturais, que outros projetos você está levando para a Secretaria?

Vera — Não são projetos, são idéias. Já existem propostas muito boas em execução pela Fundação, eu tenho acompanhado. Gostaria de ampliar o trabalho dentro da idéia de transformar Brasília num pólo irradiador de cultura, já que esta cidade é uma síntese do Brasil. Outra proposta a ser discutida é a da criação da Bienal do Terceiro Mundo, que abriria espaço para estes países trazermos seus trabalhos até Brasília. Dentro da concepção de pólo cultural, poderia ser feito um festival anual de grande repercussão que abrigasse todos os tipos de manifestações artísticas. E a implantação de núcleos

de arte-educação em escolas, igrejas, centros de criatividade, em qualquer lugar. Sou uma educadora com dez anos de experiência em educação pela arte, que para mim será um ponto de referência, uma alternativa para modificar a cidade, o mundo. Outro evento que poderia ser renovado é a Festa dos Estadinhos, que hoje não é mais uma festa cultural, uma oportunidade da pessoa rever suas raízes, mas sim uma feira preocupada apenas com o lucro, pelo seu caráter de assistência social. Ela pode ser reativada sem prejuízo, seria uma ótima chance de envolver toda a comunidade. Nada disso é fantasia; é possível porque agora temos um governador com idéias avançadas, dinâmico, criativo e receptivo.

CORREIO — Qual será a sua primeira ação prática?

Vera — Minha primeira preocupação foi manter um contato com o Luis Humberto, a quem eu tenho um respeito imenso. Pretendo trabalhar afinada com o trabalho dele, hoje mesmo (ontem) devemos nos encontrar. Acredito que o primeiro passo será promover o debate, através de um grande seminário sobre política cultural, que dará subsídios para o desenvolvimento do trabalho.

CORREIO — Mas estes encontros já foram realizados...

Vera — Foram feitos encontros, mas não um seminário. Uma discussão como essa é polêmica e necessária, um verdadeiro processo de conscientização. O passo seguinte é a ação: muita coisa já foi pensada; precisa agora ser desengavetada e executada.

CORREIO — Como você viu as críticas da classe artística contrárias ao nome de José Carlos Andrade para a secretaria da Cultura? Você acha que pode enfrentar resistências, também?

Vera — O governador José Aparecido coloca como sendo do direito dele a escolha de pessoas de sua confiança para a composição de seu secretariado. Brasília ainda não tem representação política; ainda não há organizações culturais ou de artistas capazes de influir nas decisões. Mas o nome não importa, desde que o ocupante do cargo esteja disposto a ouvir e respeitar as idéias da classe. Estou afinada com eles, só aceitei a nomeação com a condição de poder ser porta-voz da classe cultural. O que eu quero para a cidade é o que os artistas querem, não mudei de posição porque estou numa posição de comando.

CORREIO — O que significou este convite para você?

Vera — No princípio tive algum medo, o Governador levou mais de uma hora para me convencer a aceitar. O convite também chegou numa hora ruim, eu estava de malas prontas para o exterior, ia fazer um curso de administração de arte na Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos. Mas depois senti que era uma oportunidade muito importante, de uma mulher assumir uma secretaria e trabalhar. Brasília é uma cidade onde tudo pode ser feito, é só romper com o elitismo, com a burocracia, deixar solta a criatividade. Brasília é a capital da República, não da província. É um grande desafio, mas estou confiante.